



Lutas e enlutados na República Dominicana: algumas reflexões sobre a ascensão de Rafael Trujillo ao poder (1930-1931)

Alexandre Firmo dos Santos¹

A história política da República Dominicana por si só é passível de um roteiro fílmico, uma vez que perpassa por diferentes momentos nos quais se alternam no decorrer do tempo. Nesse sentido, o “enredo” compreende intervenções estrangeiras na governabilidade do país, golpes civis e militares em mais de uma oportunidade, entre outras peripécias. Quase sempre esses acontecimentos eram justificados pelas instabilidades vivenciadas no contexto local, deixando transparecer um discurso balizador dos interesses daqueles que realmente desejavam as melhorias para o povo dominicano, bem como havia aqueles que visavam apenas os prestígios do poder.

Embora existam outras experiências traumáticas deixadas pelos regimes militares na América Latina, o caso da República Dominicana durante a Era Trujillo (1931-1961) detém algumas particularidades que não cabem em um artigo devido às inúmeras problematizações, às discussões no que tange ao aspecto historiográfico sobre o tema, mas, sobretudo à periodização desse evento. Para tanto, nos deteremos a algumas reflexões no tocante a ascensão de Rafael Leónidas Trujillo Molina (1891-1961) à presidência da República Dominicana, cujo intuito é explanar, em linhas gerais, o processo de deposição de Horacio Vasquéz até a efetiva diplomação do chefe de Estado.

A gestão de Vasquéz (1924-1930) era claudicante já que suas decisões não surtiam mais efeitos capazes de mudar a realidade do país, embora, vale ressaltar que ele “herdou” uma administração que outrora estava imersa em um contexto econômico de endividamento externo com empresas privadas que gerenciavam a produção açucareira e as exportações. Nesse sentido, pode-se dizer que a República Dominicana nessa época é caracterizada como um “Estado clientelista” e a pretensão de desenvolvê-lo colidia com a perene dependência do capital estrangeiro. Essa conjuntura econômica desaguiava na política local, a propósito, o próprio governo de Vásquez é resultado da intervenção norte-americana no país caribenho, uma vez que este assumiu a presidência de forma temporária em 1924 e

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista CAPES. E-mail: alexandre.firmo98@outlook.com



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

desejava continuar o mandato fazendo movimentações ou manobras jurídicas a fim da legislação fornecer uma brecha para tal intento.

Conforme Lozano e Lora (2006)², a ascensão de Horacio Vasquéz não foi o único resultado da intervenção dos Estados Unidos na República Dominicana já que Rafael Trujillo é peça importante e se encaixa nessa condição interventora também, pois logo que a instabilidade político-econômica ficou insustentável no país, exigindo, dessa maneira, que o governo norte-americano buscasse compreender o cenário caótico pelo qual a democracia dominicana passava. Evidentemente que Calvin Coolidge, o então presidente dos Estados Unidos entre os anos de 1923 a 1929, arbitraria novamente no quesito de gerenciamento de outra nação e, conseqüentemente, o ideal imperialista norte-americano seria “acionado”. Porquanto, Trujillo já se articulava nos bastidores da iminente deposição e mesmo havendo essa possibilidade havia, ainda, outras preocupações que capturavam a atenção de Vasquéz no momento, este preferia acreditar na lealdade das Forças Armadas, ou seja, ele “[...] opta pelo que considera ser o mal menor e confia no exército de Trujillo.”³

A insatisfação perante o contexto vivenciado permitiu que distintos grupos políticos do país pudessem se reorganizar, reconsiderar suas perspectivas em torno do mesmo propósito: livrar a República Dominicana das adversidades enfrentadas desde a implantação do governo provisório de Vasquéz (1924-1928), momento esse que teve respaldo dos Estados Unidos e das elites locais que cerraram fileiras. Sob os auspícios dos interesses em derrubar a administração vigente, grupos insurgentes preparavam um “golpe de estado” a fim de destituí-la, dentre os principais nomes, encontra-se o de Rafael Estrella Ureña (1889-1945) que ao lograr êxito em fevereiro de 1930 com tal intento, ocupa o cargo de presidente do país; somente depois da ascensão Rafael Trujillo em agosto do mesmo ano que Ureña se coloca na condição de vice-presidente mediante os inúmeros acordos tácitos costurados pela coalizão partidária.

Nesse interregno, o temido Rafael Trujillo que, enquanto chefe do Exército, preferiu usar a tática da neutralidade quando os rumores de insurgências começaram a se espalhar. Por detrás da falseada preocupação com a segurança e estabilidade do país, esperava o melhor momento a fim de colocar em prática o seu plano abjeto em detrimento dos interesses coletivos. Sustentando-se nas prerrogativas do interesse popular e com o respaldo da coalizão agiria, posteriormente, a deposição de Vasquéz de forma vil contra todos os seus opositores

² Lozano e Lora, 2006.

³ Capdevila, 2010, p. 35.



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

e algumas asseclas que passaram a discordar.

Capdevila (2010) nos conta que no dia seguinte ao golpe de estado houve a aparição de personagens que até então estavam à margem das disputas políticas e eleitorais, como os *jimenistas*, os quais representavam os interesses do ex-presidente Juan Isidro Jimenes Pereyra (1889-1902/1914-1916), retomando uma rivalidade local com os *boracistas* – estes vinculados aos ideais de Horacio Vasquéz. No entanto, tudo isso se tornam questões secundárias, embora sejam importantes para o entendimento desse momento histórico, concomitantemente o nome de Trujillo era fortalecido para vencer as eleições ocorridas em março de 1930, pois acreditavam que ele era “o único capaz de controlar a situação e de oferecer poder a ambas as partes”⁴, ou seja, aparentemente uma coalizão foi recebida como solução para a circunstância pungente.

Pode-se inferir a existência de uma ação coordenada entre as principais legendas partidárias que, naquela altura, acenavam positivamente para pôr fim ao atabalhoadado governo horacista. Embora tivessem um objetivo comum antes da deposição, posteriormente, houve disputas com o intuito de ocupar o cargo presidencial e, nessa circunstância, Estrella Ureña ocuparia o posto de vice-presidente e Trujillo seria proclamado presidente em 16 de agosto de 1930 assim que fez o juramento e, logo em seguida, foi diplomado por vencer as eleições como único candidato na disputa. Acerca disso, Rufino Martínez (1965) declara que Trujillo agora “pisou no alto da sua ambição, longe das aspirações do povo”⁵ e pensar que foi justamente com o apoio popular que o mesmo ascenderia ao poder, no entanto, tudo isso fazia parte de sua estratégia desde quando se manteve neutro diante das investidas do movimento revolucionário cívico de 23 de fevereiro de 1930, como se tudo fizesse parte dos seus terríveis planos. Aliados do poder ou da participação política estava o povo que só serviria para endossar o propósito final de Trujillo que era chegar à presidência da República Dominicana.

A impaciência dos grupos que apoiavam a candidatura vencedora em usufruir da sua quota-parte no governo, tal como previamente acordado, transformou-se em desilusão. Ele ia governar sozinho, isto é, ignorando todos os partidos e convenções [...]. Trujillo ficou sem uma forma clara de mostrar a altura do seu objetivo, se é que o tinha, aos camaradas que estava a pisotear.⁶

⁴ Capdevila, 2010, p. 42.

⁵ Martínez, 1965, p. 36.

⁶ Martínez, 1965, p. 38.



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

Em pouco tempo todos que outrora apoiaram a candidatura de Trujillo à presidência logo caíam em si quando as decisões não passavam pelos demais integrantes do novo governo; além disso, a “desilusão” tomava conta dos correligionários da coalizão partidária, pois agora não havia mais o inimigo em comum no qual se encontrava Horacio Vasquéz. Soma-se a esse novo cenário de governabilidade no país caribenho, o exílio de Ureña, considerado desertor e traidor da pátria; instauram-se alguns impasses entre ele e Trujillo que só seriam resolvidas no final da década de 30. Bernardo Vega (1986) explica que a morte de Virgílio Martínez Reyna⁷ seria mais um ingrediente no conturbado processo de consolidação do que viria ser o regime militar *trujillista* que durante esse supracitado momento, Rafael Trujillo já atuava com violência e de forma sorrateira tirava de circulação toda e qualquer ameaça ao seu poder.

Intervenções, mortes e lutas políticas acompanharam-no durante o mais sangrento período recente da história dominicana. A “Era Trujillo” dizimaria inúmeras vidas que esperanças por reaver sua nação livre das moléstias que maculavam os sonhos de um povo que desde sua independência tiveram que sempre afirmar os seus objetivos ante os infortúnios perpetrados por líderes sanguinários e ávidos pelo poder. Até hoje as efemérides ainda são lembradas com um misto de sentimentos, os quais sejam: dor para quem perdeu alguém nessa luta de devolver a República Dominicana ao seu povo e contentamento porque os conflitos e movimentos de resistências surtiram efeitos positivos.

Assim sendo, os dominicanos vivem em um país considerado, até o momento, democrático, bem como desfrutam de uma liberdade política. Dessa forma, os enlutados que até os dias atuais reclamam por reparações às vítimas do *trujillismo*, elas, aos poucos, são atendidas através de políticas públicas principalmente na atuação da *Comisión Permanente de Efemérides Patrias* (CPEP) quando esta investe na publicação dos trabalhos e escritos dos sujeitos que vivenciaram e, de alguma forma, se opuseram ao ditador Trujillo – mantendo, portanto, viva a memória de um povo que resistiu aos desmandos de um tirano sanguinário.

⁷ Vega, 1986.



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

Referências

Capdevila, L. **La Dictadura de Trujillo**: República Dominicana (1930-1961). Sociedade Dominicana de Bibliófilos: Santo Domingo, 2010, 432 p.

Martínez, R. **Hombres Dominicanos**: Rafael Leonidas Trujillo e Heureaux (Tomo III). Editora del Caribe: Santo Domingo, 1965, 724 p.

Vega, B. **Unos desafectos y otros en desgracia**: sufrimientos bajo la Dictadura de Trujillo. Fundacion Cultural Dominicana: Santo Domingo, 1986, 284 p.

Lozano, W.; Lora, Q. **Rafael Leónidas Trujillo**. 2006. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-trujillo-rafael-leonidas>. Acesso em 1 jun. 2024.

Como citar: SANTOS, Alexandre Firmo dos. Lutas e enlutados na República Dominicana: algumas reflexões sobre a ascensão de Rafael Trujillo ao poder (1930-1931). 2025. Disponível em: <https://lppe.uerj.br/emmemoriadaamericalatina>. Acesso em: 08 mai. 2025